



Nas últimas décadas muito se tem falado de ecologia, e particularmente de tragédias ecológicas. Com isso vêm sempre de novo à tona as várias formas de poluição e a responsabilidade humana. Ao lado de uma nova consciência sobre a importância de preservar o meio ambiente emerge igualmente a consciência de que os seres humanos se encontram profundamente conectados com todos os seres. Dessa forma, pouco sobra para falar sobre problemas ecológicos e caminhos de solução; a temática parece estar esgotada. E até mesmo o Dia do Meio Ambiente e as muitas passeatas ecológicas, a rigor, acrescentam pouca coisa. Essas e outras ações semelhantes não irão resolver os problemas humanos, e por isso mesmo também não poderão resolver os problemas ecológicos.

Ao lado das conquistas reais e indispensáveis à sobrevivência humana parece haver um prisma ainda não suficientemente explorado. Trata-se do que se denomina ecologia humana. Ou seja: se é verdade que os seres humanos se encontram vitalmente unidos a todos os seres, também é verdade que se encontram umbilicalmente unidos entre si. E se é verdade que diante dos inegáveis desastres ecológicos se impõe um grande empenho na reciclagem, também é verdade que a “reciclagem humana” não pode ser esquecida. Daí estas questões vitais: Mas o que significa ecologia humana? Em que consiste a reciclagem humana?

No que se refere à ecologia humana, o aprendizado para aceitar e abraçar a diversidade é ponto de partida fundamental. Por incrível que pareça, os mais diversos conflitos vão se manifestando em toda parte, tanto em nações tidas como mais avançadas quanto em nações ainda emergentes. Por todos os lados reinam preconceitos de raça, de religião, de classes sociais... É que os seres humanos parecem que ainda não descobriram que a humanidade só se encontra consigo mesma na medida em que se compreender e se aceitar na diversidade. Os planos divinos não parecem ser de uniformidade, mas de comunhão na diversidade, que

por si mesma já se constitui riqueza. No que se refere à reciclagem humana, o que se evidencia em primeira linha é a exigência de uma maior compreensão e vivência do que se denomina ética. Infelizmente, tanto a palavra quanto o que ela significa e representa parecem estar sofrendo desgaste sempre maior. Todos invocam a ética e, por assim dizer, apropriam-se dela. Mas efetivamente, seja em nível pessoal, seja em nível social, encontramos-nos bem longe daquilo que ela é e representa.

Nunca é demais recordar que ética não pode ser confundida com normas morais. Estas podem ser comparadas a condutores, que, com o passar do tempo, sofrem desgaste. A ética, ao contrário, só pode ser comparada com uma fonte borbulhante de onde brota continuamente água nova e límpida. Para traduzir o ethos, nada melhor do que invocar a ideia de identidade profunda, lá onde humano e divino se conjugam. Essa identidade profunda tem que ser continuamente buscada, pois ela é tão dinâmica quanto a própria vida. Nada é mais contrário à ética do que a imobilidade, pois ela significa movimento contínuo, caminhada em direção a um ideal. O ethos se confunde com os grandes valores, que podem mudar de tônica mas que, no fundo, sempre são os mesmos e conduzem continuamente a um ponto de convergência: aquele da fraternidade, resultante do respeito da diversidade.

Por estas reflexões já se compreende que levantar a bandeira da ecologia pode ser um gesto, se não equivocado, pelo menos um tanto empobrecido. Todos são a favor do azul de nosso céu e da limpidez de nossas águas, todos são a favor das flores... mas nem todos compreendem que o azul do firmamento pode ser poluído pelos mais diversos tipos de arma mortífera e que a limpidez de nossas águas pode ser comprometida pelo sangue de milhares de seres que morrem de maneira trágica. Por isso mesmo, o Dia Mundial do Ambiente e tantas outras expressões que traduzem a preocupação para com a ecologia nunca poderão ser devidamente celebrados se não abarcarem antes de mais nada a ecologia humana. É essa ecologia se traduz pelo respeito das diferenças e pela conseqüente sensibilidade para com aqueles que, pelas mais diversas razões, são colocados à margem.

Prof. Dr. Antônio Moser